



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PROFESSOR EDGARD SANTOS
PROGRAMA DE RESIDÊNCIA MÉDICA EM PSIQUIATRIA

GIULIANA BLENDIA LIMA DANTAS CRUZ

EFEITO DE CONTAMINAÇÃO NA PSICOPATOLOGIA DA INFÂNCIA E
ADOLESCÊNCIA – UMA REVISÃO DA LITERATURA

SALVADOR

2025

GIULIANA BLEND A LIMA DANTAS CRUZ

**EFEITO DE CONTAMINAÇÃO NA PSICOPATOLOGIA DA INFÂNCIA E
ADOLESCÊNCIA – UMA REVISÃO DA LITERATURA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Programa de Residência
Médica em Psiquiatria da Universidade
Federal da Bahia como requisito para
conclusão da residência médica em
Psiquiatria.

Orientador: Dr. Esdras Cabus Moreira

SALVADOR

2025

Parecer do trabalho de Conclusão de Residência Médica do Hospital Universitário Professor Edgard Santos, como pré-requisito obrigatório para a conclusão do Programa de Residência Médica em Psiquiatria.

Aluno: Giuliana Blenda Lima Dantas Cruz

Professor-Orientador: Esdras Cabus Moreira

Título: Efeito de contaminação na psicopatologia da infância e adolescência

Relevância: Alta

Avaliação do desempenho do(a) aluno(a): Muito bom por explorar de forma adequada um tema atual e relevante para o dimensionamento das políticas de atenção em saúde mental na infância e na adolescência

NOTA: 10,0

Salvador, 28 de novembro de 2025

Esdras Cabus Moreira
Supervisor do Programa de Residência Médica de Psiquiatria
HUPES/UFBA

Rua Augusto Viana s/n, Canela, CEP
40110-060, Salvador/BA Telefone:
(71)3646-3584/3585. Email:
coreme@ufba.br

RESUMO

O efeito de contágio social ou efeito de contaminação é um importante alvo de pesquisa dentro da sociologia, sobretudo no que tange o estudo das relações humanas. É compreendido que os seres humanos são inerentemente sociáveis e que a partir da interação interpessoal são trocadas emoções, afetos, pensamentos e comportamentos, que podem ser incorporados de forma consciente ou inconsciente pelo indivíduo. Essas trocas são fundamentais para o desenvolvimento pessoal do indivíduo, sobretudo quando este está em período crítico de formação neuronal e de personalidade. Tendo em vista que crianças e adolescentes passam grande parte do tempo com pares em instituições de ensino, é evidente que tendem a ter maiores períodos de troca interpessoal e maiores efeito de contágio. É de suma importância o estudo do efeito de contágio social na população infantojuvenil, uma vez que há maior facilidade em adquirir e mimetizar comportamentos de terceiros, pela própria inexperiência inerente a esse período da vida. Na psicopatologia de transtornos mentais infantojuvenis, o efeito de contaminação tem papel importante uma vez que comportamentos desviantes, sintomas ansiosos e padrões ruminativos podem ser assimilados diante de contato com pares, podendo culminar em adoecimento psíquico significativo.

Palavras-chave: Efeito de contágio; Psicopatologia; Transtornos mentais na infância e adolescência; Comportamentos desviantes

ABSTRACT

The contagion effect or contamination effect is a important research topic in sociology, overall by the study of human relations. Is known that human beings are inherently sociable and in the social interactions are exchanged emotions, affects, thoughts and behaviors that can be incorporated by the person, consciously or unconsciously. These exchanges are important for the individual development, especially when the individual is in a critical period of neural and personality development. Children and adolescents are around each other most of the time in study institutions, so they have a larger period of interpersonal exchange and greater contagion effect. The study of contagion effect is important in the children and youth since this population is more likely to acquire and mimic somebody else's behaviour, based on the inexperience of this period of life. In children and youth's psychopathology, the contagion effect has an important role when exposed to deviant behaviour, anxious symptoms and rumanitative patterns that can result in mental illness.

Keywords: Contagion effect; Psychopathology; Mental illness of children and youth; Deviant behaviour

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. OBJETIVO	8
3. METODOLOGIA.....	9
4. REVISÃO DA LITERATURA.....	10
4.1 EFEITO DE CONTAMINAÇÃO/CONTÁGIO SOCIAL	10
4.1.1 Conceitualização do efeito de contaminação/contágio social e fundamentos teóricos	10
4.2 EFEITO DE CONTAMINAÇÃO/CONTÁGIO SOCIAL NA PSICOPATOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA	12
4.2.1 Epidemiologia de transtornos mentais na infância e adolescência	12
4.2.2 Evidências e mecanismos do efeito de contaminação na psicopatologia da infância e adolescência.....	12
4.2.3 Suscetibilidade a influência de pares	14
4.2.4 Abordagens terapêuticas e perspectivas.....	15
5. DISCUSSÃO	17
6. CONCLUSÃO.....	19
7. REFERÊNCIAS	20

1. INTRODUÇÃO

O termo “contágio social” pode ser definido como a disseminação de comportamentos, atitudes e afetos dentro de um grupo social, de uma pessoa para outra. Esse fenômeno vem sendo estudado amplamente na atualidade, principalmente associado ao comportamento digital. É comparado ao contágio de doenças infecciosas e os estudos se concentram na disseminação de pensamentos e comportamentos negativos, como agressividade, violência, automutilação, suicídio, e sua relação com transtornos mentais. O contágio pode também abranger a disseminação de comportamentos vistos como benéficos como atitudes altruístas de apoio ao próximo e doações (MARTÍNEZ *et. al*, 2023).

A população infantojuvenil, sobretudo os adolescentes, passa tempo considerável entre pares, seja na sala de aula ou fora dela, e essa interação é importante para o desenvolvimento de boa saúde mental desses indivíduos. Contudo, também é evidenciado que o contato frequente com grupos de indivíduos com transtornos mentais, como ansiedade e depressão, pode ter efeitos negativos na *psique* dessa população, que é consideravelmente mais vulnerável ao efeito de contágio (LIU *et. al*, 2025).

Estudos indicam que o transtorno mental não acomete apenas o indivíduo doente, mas também indivíduos a sua volta com quem tem relação de proximidade, em níveis diferentes. Os adolescentes são potencialmente mais suscetíveis ao adoecimento mental por efeito de contágio, uma vez que tendem a ter relações interpessoais mais próximas, com intenso compartilhamento de sentimentos e comportamentos, e tendem a mimetizar o comportamento de terceiros mais frequentemente. A transmissão de transtornos psiquiátricos por efeito de contágio nessa população é preocupante, uma vez que se encontra em período crucial de neurodesenvolvimento, no qual transtornos mentais tem maior probabilidade de surgir (ALHO *et. al*, 2024) (GUYER, 2020).

2. OBJETIVO

2.1 OBJETIVO GERAL

Revisar a literatura acerca da psicopatologia do efeito de contágio/contaminação social na infância e adolescência, discutindo os aspectos sociológicos, associações com transtornos mentais, fatores de risco e proteção.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Revisar o conceito de efeito de contágio/contaminação e suas bases sociológicas que tentam explicar o comportamento social relacionado;

Discutir sobre como o efeito de contágio/contaminação atua na psicopatologia de transtornos mentais apresentados na infância e adolescência;

Revisar sobre fatores de risco e proteção associados ao efeito de contágio/contaminação na psicopatologia da infância e adolescência

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão da literatura, do tipo revisão narrativa. A pesquisa bibliográfica sobre o tema foi executada a partir da base de dados do PubMed (<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/>) e Scielo (<http://scielo.org/>), utilizando descritores específicos: “Contagion effect AND Children and youth”, “Contagion effect AND Psychopathology”, “Contagio effect AND Influential effect”, “Werther effect AND Contagion effect AND Adolescent”. A revisão bibliográfica ocorreu no período de março de 2025 à novembro de 2025, e incluiu publicações do período de 1993 até os dias atuais.

4. REVISÃO DA LITERATURA

4.1 EFEITO DE CONTAMINAÇÃO/CONTÁGIO SOCIAL

4.1.1 Conceitualização do efeito de contaminação/contágio social e fundamentos teóricos

O termo “contágio social” ou “efeito de contaminação” pode ser definido como a disseminação de comportamentos, atitudes e afetos dentro de um grupo social específico, de uma pessoa para outra. É comparado ao contágio de doenças infecciosas e os estudos se concentram na disseminação de pensamentos e comportamentos negativos, como agressividade, violência, automutilação, suicídio, e sua relação com transtornos mentais (MARTÍNEZ; JIMÉNEZ-MOLINA; GERBER, 2023).

A mais antiga referência ao que hoje conhecemos como contágio ou contaminação social foi postulada por Le Bon (1903), que sugere que, sob certas condições, grupos de pessoas parecem agir em uníssono, com uma "mente coletiva". Ele comparou esse processo de contágio a uma espécie de “hipnose em massa”, ou sugestionabilidade, e o caracterizou como um processo principalmente inconsciente (FRIEDMAN; MARKEY, 2023).

O sociólogo Gabriel Tarde (1890) postulou que a propagação social ocorre por microimitações, fluxos, vibrações e encontros afetivos, mais próximos do inconsciente coletivo do que de decisões conscientes. Os processos de contágio são vistos como forças que conectam e atravessam pessoas, ideias e ambientes. Tarde usa a analogia de que os humanos são como sonâmbulos vagando pelo mundo material e assimilando estímulos variados de forma inconsciente (SAMPSON).

Sampson, em sua obra *Virality*, questiona em diversos momentos as delimitações entre indivíduo e sociedade, apontando que a subjetividade está intimamente relacionada ao biológico e ao social. Logo, sugere dois tipos de contágio, o molar e o molecular. Indica que o contágio molar se dá em nível organizacional superior, decorrente de estratégias biopolíticas que canalizam emoções negativas (como medo e pânico) e positivas (como esperança e amor) para fins de controle e regulamentação social — visível em práticas de segurança e marketing viral. Já o contágio molecular é observado em nível individual ou de grupo, a partir de fluxos

e encontros ao acaso do desejo, que não são submetidos ao controle organizacional (SAMPSON).

Levy e Nail propuseram a existência de três subtipos de contágio: desinibitório, eco e histérico. O contágio desinibitório existe a partir de uma dinâmica de aproximação-evitação, de forma que o sujeito experimenta um processo de desinibição para se engajar num comportamento percebido socialmente como negativo. Geralmente, no contágio desinibitório há um processo cognitivo ativo mais próximo da consciência, e ocorre quando fatores evitativos são enfraquecidos e fatores de aproximação são fortalecidos (LEVY; NAIL, 1993).

O contágio eco diz respeito a uma imitação inconsciente dos comportamentos e afetos do iniciador por parte do receptor. A imitação tende a ser exata e involuntária, a exemplo de atos como bocejar, soluçar, tossir e rir. Já o subtipo histérico se refere a disseminação de sintomas físicos sem um patógeno ou agente causal identificável, que se dá de forma exata e inconsciente, e tende a envolver comportamentos nocivos ou atos indesejáveis. Este subtipo pode se manifestar como comportamento emocional anormal, crenças ou sintomas físicos que ocorrem em um determinado grupo, comumente conhecido como histeria coletiva. O termo “histérico” se relaciona diretamente com o conceito freudiano de histeria e conversão (LEVY; NAIL, 1993).

A diferenciação em subtipos evidencia níveis diferentes de processamento e deliberação cognitivos, abrangendo processos inconscientes, como o contágio eco e histérico, e processos conscientes ou parcialmente conscientes, como o contágio desinibitório. Dessa forma, podemos observar maior nuance no que tange o processo complexo de influência social (DAVLEMBAYEVA; PAPAGIANNIDIS, 2025).

4.2 EFEITO DE CONTAMINAÇÃO/CONTÁGIO SOCIAL NA PSICOPATOLOGIA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

4.2.1 Epidemiologia de transtornos mentais na infância e adolescência

Problemas relacionados à saúde mental, principalmente depressão e ansiedade, tem crescido em prevalência entre crianças e adolescentes. Globalmente, é estimado que uma em cada sete pessoas, com idade entre 10 e 19 anos, sofra de algum transtorno mental. A Organização Mundial de Saúde estima que cerca de 4,1% de indivíduos entre 10 e 14 anos e 5,3% de adolescentes entre 15 e 19 anos apresentam sintomas clinicamente significativos de ansiedade. A estimativa de quadros depressivos é de cerca de 1,3% entre 10 e 14 anos e 3,4% entre 15 e 19 anos (OMS, 2025).

Muitos transtornos psiquiátricos iniciados na infância podem se perpetuar na idade adulta ou recorrer nesse período, podendo culminar em quadros mais graves que requerem tratamento mais complexo. Estudos indicam que o acesso de crianças ao serviço de saúde mental é cerca de 14 a 15 vezes menor quando comparado ao acesso de adultos, no que tange ao tratamento de primeiro episódio depressivo (COSTELLO; EGGER; ANGOLD, 2005).

4.2.2 Evidências e mecanismos do efeito de contaminação na psicopatologia da infância e adolescência

Pesquisas recentes demonstram que transtornos mentais podem ser socialmente transmitidos dentro de redes de pares. Um estudo longitudinal revelou que adolescentes cujos amigos receberam diagnóstico de transtorno mental apresentaram risco aumentado de receber diagnósticos semelhantes posteriormente, mesmo após ajuste de fatores parentais, escolares e de área geográfica (ALHO *et. al*, 2024).

Ao tratar da população infantojuvenil, no que tange o efeito de contágio, geralmente há o fator dificultador da homofilia, que diz respeito à tendência das pessoas se relacionarem com pares que possuem características semelhantes. Dessa forma, crianças e adolescentes mais ansiosos geralmente se relacionam com pares com sintomas e comportamentos semelhantes, o que pode culminar em retroalimentação e

maximização de sintomas. Esse fator pode ser mitigado caso o grupo seja formado pelas instituições, de forma heterogênea, como o que ocorre nas escolas (ALHO *et. al*, 2024)..

Investigar a transmissão de transtornos mentais em pessoas suscetíveis é especialmente importante no que tange a população infantojuvenil, uma vez que se encontram em período crucial de desenvolvimento, quando transtornos psiquiátricos tem maior probabilidade de surgir (COSTELLO; EGGER; ANGOLD, 2005). O efeito de contaminação pode ocorrer mesmo com sintomas leves a moderados, não apenas graves, o que indica que a gama de contágio pode ser ainda maior do que se pensava anteriormente (LIU *et. al*, 2025).

Liu *et. al.* observaram em seu estudo transversal, que envolve classes de aula inteiras na China, que quando o número de indivíduos com transtorno mental leve a moderado alcança a maioria, os demais indivíduos saudáveis têm maior risco de desenvolver sintomas psiquiátricos. Os pesquisadores tentam explicar esse achado com base na exposição direta de sintomas de ansiedade e depressão pelos indivíduos afetados, que podem favorecer o desenvolvimento social de estratégias mal-adaptativas e amplificar o contágio interpessoal por meio da empatia, reações de neurônio-espelho e comportamento de co-ruminação. Além disso, também observaram uma transmissão cruzada bidirecional de depressão e ansiedade, corroborando evidências que sugerem a prevalência da comorbidade entre ansiedade e depressão (LIU *et. al.*, 2025).

Um dos mecanismos centrais para disseminação de sintomas depressivos e ansiosos entre indivíduos é a co-ruminação, definida pela discussão repetitiva e excessiva de problemas entre pares, com importante foco em emoções negativas. Foi evidenciado que adolescentes que estão sob maior nível de estresse pessoal e são mais facilmente afetados pelo estresse de terceiros tem maior probabilidade de sofrerem contaminação por co-ruminação do que aqueles que tem limites mais precisos entre as suas próprias emoções e as de terceiros. Estudos evidenciam, inclusive, que o estresse empático que pode estar envolvido na amizade entre jovens está associado com maiores sintomas internalizantes (SCHWARTZ-METTE; SMITH, 2016).

A autolesão não suicida é um comportamento preocupante com maior incidência na adolescência e pode ser propagada em forma de contágio de um indivíduo para o outro. Um estudo longitudinal chinês, que acompanhou 326 adolescentes em díades de

amizade por 3 meses, evidenciou que os adolescentes que geralmente engajam nesse tipo de comportamento tem como mediadores a baixa autoestima, alexitimia, baixa autocompaixão e maior sofrimento psíquico individual. Ter amigos com comportamento autolesivo não suicida, estando o próprio sujeito em sofrimento psíquico, aumenta consideravelmente as chances de engajar com o mesmo tipo de comportamento como resposta mal adaptativa aos estressores (KE *et. al*, 2025).

Efeito Werther foi o termo cunhado pelo sociólogo David P. Philips em 1974 referente à crescente incidência de comportamento suicida após um suicídio amplamente divulgado. O efeito de contaminação relacionado ao comportamento suicida envolve explicações como a teoria de aprendizagem social, que indica que a partir da disseminação midiática sobre o suicídio consumado, o indivíduo receptor vulnerável pode aprender que problemas pessoais podem ser resolvidos por meio do suicídio. Outra teoria é a de identificação social, quando o indivíduo que enfrenta sofrimento psíquico semelhante ao da pessoa que morreu por suicídio pode se inclinar a repetir o comportamento. É postulado que adolescentes, principalmente, estão sujeitos a esse efeito (MARTÍNEZ; JIMÉNEZ-MOLINA; GERBER, 2023).

4.2.3 Suscetibilidade à influência de pares

Evidências neuroanatômicas e sociais sugerem que a adolescência é um período crítico de desenvolvimento, no qual a suscetibilidade à influência de pares é maior quando comparada à infância e à idade adulta. Também foram observados efeitos de contágio entre pares durante a infância, principalmente no que tange o engajamento em comportamentos agressivos. Crianças com comportamento mais agressivo tendem a desenvolver amizade com outras crianças que são coniventes e perpetuam esse tipo de comportamento, levando a uma amplificação posterior do comportamento. Estudos indicam que crianças agressivas, principalmente meninos, costumam ser sujeitos centrais na dinâmica social da sala de aula, a despeito de comumente serem rejeitados por pares. Essa rejeição depende do nível geral de agressão na escola (DISHION; TIPSORD, 2012).

Adolescentes influenciam uns aos outros a adotar diversos tipos de comportamentos distintos, sejam eles vistos como benéficos, prejudiciais ou neutros. Comumente os comportamentos prejudiciais são ações ditas antissociais, como mentir,

roubar e trapacear. Os comportamentos benéficos são ações pró-sociais, a exemplo de ajudar, cooperar e compartilhar. Alguns indivíduos são incentivados por pares a engajarem em comportamentos de risco, como o uso de substâncias psicoativas (MEEHAN *et. al*, 2022).

Foi comprovado experimentalmente que adolescentes tem maior propensão a engajar em comportamentos antissociais, pró-sociais e de risco ao serem influenciados por seus pares direta ou indiretamente. A influência direta diz respeito ao incentivo explícito e ativo dos pares acerca do comportamento desejado pelo grupo. Já a influência indireta diz respeito à mudança de comportamento que pode ocorrer pela mera presença dos pares. Também foi evidenciado que os comportamentos adotados por meio da influência dos pares, seja essa direta ou indireta, tendem a permanecer por longo período, efeito que é denominado como influência contínua (VAN HOORN *et. al*, 2014).

Em comparação com os adultos, os adolescentes tem maior probabilidade de tomar decisões de maior risco, principalmente na presença de pares. Geralmente os adolescentes tendem a ceder mais frequentemente à pressão dos colegas e há indícios de que a capacidade de sustentar o posicionamento mesmo diante de terceiros continua a se desenvolver no início da fase adulta (GARDNER; STEINBERG, 2005).

4.2.4 Abordagens terapêuticas e perspectivas

Pesquisas sobre programas de intervenções em grupo para crianças e adolescentes sugerem que o contágio entre pares pode reduzir os efeitos positivos esperados como resposta ao programa. Alguns estudos evidenciaram que intervenções em grupo de crianças e adolescentes, a depender da qualidade dos participantes (se a maioria tem comportamento problemático ou não), pode resultar num nivelamento entre os indivíduos. Pode ocorrer, então, de adolescentes com moderado comportamento delinquente sejam mais influenciados pelo comportamento desviante de suas amizades, em comparação com aqueles com elevados níveis de comportamento delinquente (DISHION; TIPSORD, 2012).

Alguns trabalhos evidenciam que a transferência randômica de adolescentes de alto risco para grupo de intervenção cognitivo comportamental resultaram em aumento do tabagismo e do comportamento desviante, que perduraram por 3 anos após a

intervenção (POULIN; DISHION; BURRASTON, 2001). Adolescentes que são enviados para programas de correção juvenil costumam desenvolver amizades e ampliar suas redes de forma propícia a aprender novas formas de cometer crimes. Foi evidenciado que a designação para tratamento em grupo está associada ao aumento de comportamento desviante (LEVE; CHAMBERLAIN, 2005).

Um estudo avaliou múltiplos estudos randomizados de caso-controle envolvendo intervenções para grupos de adolescentes e evidenciou que há menos efeito iatrogénico quando os profissionais levam em consideração o nível do comportamento desviante dos membros do grupo, minimizam o tempo de permanência dos jovens no grupo, reduzem a quantidade de interações mal supervisionadas entre pares e promovem normas pró-sociais. Além disso, foi evidenciada necessidade de treinamento em gestão comportamental e habilidades de supervisão para os adultos responsáveis pela liderança dos grupos (DODGE *et. al*, 2006).

5. DISCUSSÃO

O efeito de contágio é um fenômeno sociológico muito estudado e debatido, principalmente acerca de eventos em larga escala como histeria coletiva, nos quais ele é mais facilmente observável. No que tange as relações entre crianças, adolescentes e seus pares, o efeito de contágio pode se relacionar a um importante viés de seleção. Estudos demonstram que há disseminação de transtornos ou sintomas mentais clinicamente significativos em grupos de adolescentes e evidenciam mecanismos pelos quais essa transmissão ocorre, como co-ruminação, exposição e mimetização de comportamentos desviantes. Contudo, a maioria desses estudos não aborda o fenômeno da homofilia, que indica que adolescentes com fatores de risco semelhantes para transtornos mentais tendem a identificar uns aos outros e formar grupos baseados em interesses e formas de se expressar semelhantes, e que dessa forma tendem a estimular, perpetuar e expandir sintomas pré-existentes (DISHION; TIPSORD, 2011) (HANISH *et. al*, 2005) (RAPPAPORT *et. al*, 2021) (ALHO *et. al*, 2024).

É importante salientar, também, que na atualidade se discute consideravelmente sobre saúde mental na internet, sobretudo nas redes sociais. Dessa forma, as informações acerca de sintomas e transtornos mentais são amplamente difundidas e podem chegar a diferentes públicos, incluindo o infantojuvenil. Esses indivíduos são comumente mais influenciáveis, e muitas vezes podem hiperdimensionar ou mimetizar um sintoma ou comportamento visto nas redes (COOKE, 2024) (AHUVIA *et. al*, 2024) (FOULKES; ANDREWS, 2023).

Um mecanismo relacionado ao aumento de incidência de transtornos mentais nas últimas décadas, principalmente ansiedade e depressão, é a hipótese da prevalência inflada. Uma vez que se fala mais sobre saúde e adoecimento mental, as pessoas tem mais acesso às informações e, dessa forma, podem reconhecer mais facilmente sensações e comportamentos que possuem como diferentes da normalidade. Tem sido reportado por algumas fontes um fenômeno de preocupação aumentada relacionada ao reconhecimento do sintoma que pode culminar em mudanças de funcionamento na vida do indivíduo e favorecer uma profecia auto realizável (AHUVIA *et. al*, 2024) (FOULKES; ANDREWS, 2023).

Os estudos que avaliam o efeito iatrogênico de abordagens em grupo no que tange o efeito de contágio são importantes, uma vez que evidenciam de forma mais clara o contágio em si. Porém, deve-se levar em consideração outras nuances envolvendo os grupos de intervenção, como o menor custo financeiro desse tipo de abordagem, o menor tempo despendido pelos profissionais se comparado com intervenções individuais, a menor probabilidade de absenteísmo da população infantojuvenil, a possibilidade de um grupo heterogêneo trazer visões e vivências diferentes para troca de experiências (DISHION; DODGE, 2005) (KAMINER, 2005).

Os grupos de intervenção são, ainda, o principal meio para propor reflexão e mudança de comportamento em instituições. É importante que o indivíduo que esteja a frente do grupo como moderador deve ter habilidades específicas para gerenciamento e direcionamento para os objetivos específicos da intervenção, reduzindo distrações e conversas paralelas. Dessa forma, espera-se que haja redução do efeito de contágio como desfecho negativo dos grupos de intervenção (DISHION; DODGE, 2005) (KAMINER, 2005).

6. CONCLUSÃO

O efeito de contágio se dá pela transmissão de emoções, afetos e comportamentos entre um grupo de indivíduos. Esse efeito está presente nas relações interpessoais de crianças e adolescentes, decorrente da imaturidade inerente dessas fases da vida, períodos importantes do neurodesenvolvimento em que o comportamento frequentemente é mimetizado e espelhado. A disseminação de comportamentos pode culminar em adoecimento mental por diversos mecanismos, com papel central da influência por pares, incluindo co-ruminação, autolesão não suicida, transmissão de sintomas ansiosos e aprendizagem de comportamentos desviantes de risco. O adoecimento psiquiátrico deve ser avaliado de forma cautelosa nessa população, uma vez que a grande maioria dos indivíduos sintomáticos não conseguem ser incluídos de forma adequada no sistema de saúde. Ainda assim, uma parcela desses indivíduos sintomáticos pode hiperdimensionar os sintomas por diversos motivos, seja por efeito de contágio, seja por reconhecimento e valorização exacerbada de uma sensação subjetiva potencialmente comum. Evidências crescentes indicam que intervenções em grupo devem ser bem elaboradas na população infantojuvenil, uma vez que o aglomerado dessa população pode favorecer o efeito de contágio e trazer resultados iatrogênicos contrários ao objetivo da intervenção.

REFERÊNCIAS

AHUVIA, Isaac L. *et al.* Depression self-labeling in U.S. college students: Associations with perceived control and coping strategies. **Journal of affective disorders**, v. 351, p. 202–210, 2024.

ALHO, Jussi *et al.* Transmission of mental disorders in adolescent peer networks. **JAMA psychiatry (Chicago, Ill.)**, v. 81, n. 9, p. 882, 2024.

COOKE, Circe. **Managing a dilemma: Social contagion self-diagnosis in adolescents and young adults**. Disponível em: <<https://www.thecarlatreport.com/articles/4800-managing-a-dilemma-social-contagion-self-diagnosis-in-adolescents-and-young-adults>>. Acesso em: 26 nov. 2025.

COSTELLO, E. Jane; EGGER, Helen; ANGOLD, Adrian. 10-year research update review: the epidemiology of child and adolescent psychiatric disorders: I. Methods and public health burden. **Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, v. 44, n. 10, p. 972–986, 2005.

DAVLEMBAYEVA, D.; PAPAGIANNIDIS, S. **Social Influence Theory: A review**. [S.l.]: TheoryHub Book, 2025.

DISHION, Thomas J.; DODGE, Kenneth A. Peer contagion in interventions for children and adolescents: moving towards an understanding of the ecology and dynamics of change. **Journal of abnormal child psychology**, v. 33, n. 3, p. 395–400, 2005.

DISHION, Thomas J.; TIPSORD, Jessica M. Peer contagion in child and adolescent social and emotional development. **Annual review of psychology**, v. 62, n. 1, p. 189–214, 2011.

DODGE, K. A.; DISHION, T. J.; LANSFORD, J. E. Influências de pares desviantes na intervenção e nas políticas públicas para jovens. **Soc Policy Rep**, v. 20, p. 3–19, 2006.

DOMARADZKI, Jan. The werther effect, the papageno effect or no effect? A literature review. **International journal of environmental research and public health**, v. 18, n. 5, p. 2396, 2021.

FOULKES, Lucy; ANDREWS, Jack L. Are mental health awareness efforts contributing to the rise in reported mental health problems? A call to test the prevalence inflation hypothesis. **New ideas in psychology**, v. 69, n. 101010, p. 101010, 2023.

FRIEDMAN, Howard S. *et al.* Encyclopedia of mental health. *In: Assessment and Therapy*. [S.l.]: Elsevier, 2001. p. 321.

GARDNER, Margo; STEINBERG, Laurence. Peer influence on risk taking, risk preference, and risky decision making in adolescence and adulthood: An experimental study. **Developmental psychology**, v. 41, n. 4, p. 625–635, 2005.

GUYER, Amanda E. Adolescent psychopathology: The role of brain-based diatheses, sensitivities, and susceptibilities. **Child development perspectives**, v. 14, n. 2, p. 104–109, 2020.

HANISH, Laura D. *et al.* Exposure to externalizing peers in early childhood: homophily and peer contagion processes. **Journal of abnormal child psychology**, v. 33, n. 3, p. 267–281, 2005.

HAWTON, K. *et al.* Self-harm and suicide in adolescents. **The Lancet**, v. 379, n. 9834, p. 2373–2382.

HODAS, Nathan O.; LERMAN, Kristina. The simple rules of social contagion. **Scientific reports**, v. 4, n. 1, 2014.

KAMINER, Yifrah. Challenges and opportunities of group therapy for adolescent substance abuse: a critical review. **Addictive behaviors**, v. 30, n. 9, p. 1765–1774, 2005.

KE, Chunxi *et al.* NSSI contagion in adolescent friendships: exploring the impact of peer influence. **Child and adolescent psychiatry and mental health**, v. 19, n. 1, 2025.

LEVE, Leslie D.; CHAMBERLAIN, Patricia. Association with delinquent peers: Intervention effects for youth in the juvenile justice system. **Journal of abnormal child psychology**, v. 33, n. 3, p. 339–347, 2005.

LEVY, D. A.; NAIL, P. R. **Contagion: a theoretical and empirical review and reconceptualization. Genetic, Social, and General Psychology Monographs**, v. maio: [S.n.].

LIU, Dongyu *et al.* Assessing peer exposure at a group level: The role of mild-to-moderate symptoms in the transmission of mental health problems. **Depression and anxiety**, v. 2025, n. 1, 2025.

MARTÍNEZ, Vania; JIMÉNEZ-MOLINA, Álvaro; GERBER, Mónica M. Social contagion, violence, and suicide among adolescents. **Current opinion in psychiatry**, v. 36, n. 3, p. 237–242, 2023.

MCCORD, J. Cures That Harm: Unanticipated Outcomes of Crime Prevention Programs. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. v. 587, 2003.

MEEHAN, Zachary M. *et al.* Susceptibility to peer influence in adolescents: Associations between psychophysiology and behavior. **Development and psychopathology**, v. 36, n. 1, p. 69–81, 2024.

POULIN, Francois; DISHION, Thomas J.; BURRASTON, Bert. 3-year iatrogenic effects associated with aggregating high-risk adolescents in cognitive-behavioral preventive interventions. **Applied developmental science**, v. 5, n. 4, p. 214–224, 2001.

RAPPAPORT, Brent I. *et al.* Bivariate latent change score analysis of peer relations from early childhood to adolescence: Leading or lagging indicators of psychopathology. **Clinical psychological science**, v. 9, n. 3, p. 350–372, 2021.

SCHWARTZ-METTE, Rebecca A.; SMITH, Rhiannon L. When does co-rumination facilitate depression contagion in adolescent friendships? Investigating intrapersonal and interpersonal factors. **Journal of clinical child and adolescent psychology: the official journal for the Society of Clinical Child and Adolescent Psychology, American Psychological Association, Division 53**, v. 47, n. 6, p. 912–924, 2018.